

A RELEVÂNCIA DE DADOS SOBRE A AQUISIÇÃO DA ESCRITA PARA AS REFLEXÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

CARMEN REGINA GONÇALVES FERREIRA (UFPEL).

Resumo

Este estudo trata das questões envolvidas na maneira como os espaços em branco, que delimitam as unidades gráficas nos textos de adultos, se relacionam com o das crianças em fase de alfabetização (Abaurre,1991 e Cunha,2004). Espera contribuir com reflexões teóricas que auxiliem numa intervenção pedagógica que entenda a aquisição da escrita como um processo que pode ocorrer para cada um de uma forma singular, revelando de que forma os alunos aprendem. Segundo Ferreiro e Teberosky,(1999) a criança, quando começa a escrever, tem muita dificuldade em considerar seqüências de uma ou duas letras como palavras, por isso, muitas vezes, junta esses segmentos à palavra seguinte ou os separa de forma inadequada. Com o objetivo de verificar se os adultos passariam ou não pelos mesmos processos que a criança, no que diz respeito às hipersegmentações (quando ocorrem mais espaços em branco do que os previstos na grafia convencional), foram analisados dados de EJA (Educação de Jovens e Adultos), extraídos do Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE UFPel) através de oficinas que propiciaram a produção de textos espontâneos. Verificou-se que há uma estreita relação entre o comportamento de ambos em fase de aquisição da escrita, especificamente, no que diz respeito à influência dos constituintes prosódicos sobre os casos de hipersegmentação. Portanto, as escolhas de onde segmentar não são aleatórias, mas reflexo da organização rítmica e prosódica que já possuem dos enunciados.

Palavras-chave:

aquisição da escrita, prosódia, adultos.

1. Introdução

Ferreiro e Teberosky (1986) chamaram atenção para o fato de a criança, ao entrar para a escola, possuir uma série de hipóteses a respeito do modo como funciona o sistema de escrita de sua língua, pois o ambiente extra-escolar está impregnado de informações escritas com as quais ela está constantemente se relacionando. É no ambiente escolar, no entanto, que ela irá testar de forma mais sistemática as suas hipóteses sobre o sistema que está sendo adquirido. É natural, por isso, que na produção escrita inicial sejam encontrados muitos erros, tanto relacionados à ortografia como à segmentação da escrita.

Neste artigo, o dado de escrita analisado será aquele relativo às segmentações não-convencionais, ou seja, erros produzidos quando, ao escrever palavras, frases ou até mesmo textos inteiros, o aprendiz não aloca espaços entre palavras ou separa-as de forma inadequada, em se considerando as normas que regem o sistema de escrita.

Acredita-se que esse tipo de segmentação seja fruto de hipóteses elaboradas pelos aprendizes, em seu processo de aquisição da escrita, a respeito da noção relativa ao que seja uma palavra. Esses sujeitos ao produzirem dados de segmentação não-convencional, do ponto de vista das idéias piagetianas, produzem erros construtivos que podem ser interpretados como resultantes de um trabalho reflexivo por parte

do sujeito escrevente. Os erros observados, através de processos de segmentação não-convencional, apresentam-se como um espaço orgânico de construção do conhecimento da língua e nos dão pistas sobre a forma como o se dá o processo de aquisição da língua escrita. Com base nessa perspectiva, os erros de segmentação não-convencional encontrados na escrita de alunos de EJA (Educação de Jovens e Adultos) serão descritos e analisados, a fim de que se possa refletir sobre a importância desse tipo de dado para as práticas pedagógicas.

2. A aquisição da língua escrita numa perspectiva piagetiana

Os estudos sobre aquisição da escrita desde Ferreiro & Teberosky (1986) têm dirigido um novo olhar sobre as relações que se estabelecem entre o aprendiz e a escrita. As contribuições do estudo dessas pesquisadoras, os quais se inserem na tradição dos estudos piagetianos, trouxeram evidências de que durante o processo inicial de aquisição da escrita a criança ativamente constrói hipóteses sobre o objeto de conhecimento que está a adquirir.

O sujeito aprendente é quem controla suas respostas, e os estímulos são transformados pelos seus sistemas de assimilação e de acomodação, diferentemente do que propõe a teoria behaviorista para a qual os estímulos é que controlam as respostas. Nesse ato de transformação cognitiva, focalizado pelas autoras, o sujeito interpreta o estímulo e, somente em consequência dessa interpretação, sua conduta se faz compreensível. Seguindo essa concepção de sujeito cognoscente, ativo no processo de conhecer, entende-se que o processo de aprendizagem de conhecimentos não é linear e, tampouco, contínuo.

Segundo Ferreiro & Teberosky (1986) o aprendiz é capaz de comparar, excluir, ordenar, categorizar, reformular, formular hipóteses e até mesmo reorganizá-las. Um exemplo é a instabilidade em determinar os limites gráficos das palavras que podem corresponder a um fragmento de um enunciado, a um enunciado completo ou, simplesmente, a letras isoladas. Durante esse processo ele poderá também fazer generalizações erradas que, de acordo com as autoras, não são apenas erros, mas pistas de um processo que se encontra em construção.

Desta forma, ao se apropriar do sistema alfabético de escrita, o sujeito constrói diversos conhecimentos sobre o funcionamento desse sistema a partir das hipóteses que formulou. Em razão disso, o caminho que o leva ao domínio da ortografia é visto como um objeto de reflexão, uma vez que o sistema é organizado por regras sobre as quais os alunos deveriam constantemente refletir para poderem, por fim, explicitá-las.

3. Os erros de segmentação: a hipossegmentação e a hipersegmentação

Pesquisadores como Abaurre (1991) e Cunha (2004) analisaram dados de segmentação não-convencional extraídos de textos produzidos de maneira espontânea por crianças de séries iniciais. Para Abaurre (1985), quando o aluno tem a possibilidade de escrever livremente, sem que seja uma determinação do

professor, o texto se torna um espaço natural e de certa forma privilegiado, para o trabalho reflexivo da criança acerca do sistema de escrita de sua língua.

Os estudos desenvolvidos pelas autoras interpretaram os erros de segmentação não-convencional, por elas estudados, como fruto de hipóteses elaboradas pelas crianças em seu processo de aquisição da escrita, especialmente, no que diz respeito à definição dos limites gráficos de uma palavra. Os resultados de suas análises, no que se refere às segmentações, mostram que é muito comum, no período inicial da aquisição, a criança juntar a palavra, normalmente um clítico da língua (preposições, conjunções, artigos), à palavra seguinte como se tudo junto constituísse apenas um vocábulo, uma palavra fonológica, como pode ser observado no exemplo *'efiquei'* (e fiquei). Sendo a palavra gramatical *'e'* destituída de acento ela acaba integrando-se à palavra adjacente *'fiquei'* como se fosse uma de suas sílabas pretônicas, ocasionando assim os processos de *hipossegmentação* que se caracterizam pela ausência do espaço entre fronteiras vocabulares.

A instabilidade para a determinação dos limites gráficos existentes entre as palavras observada no início da aquisição da escrita é previsível, principalmente se for considerado que a criança, na tentativa de perceber as propriedades do sistema de escrita, tende a confrontá-lo com outro de natureza semelhante, neste caso, a cadeia da fala, cuja característica mais saliente é relativa ao fato de ser produzida como um continuum que tem de ser segmentado pelo ouvinte. Para Kato (1986), a criança pode estar associando a escrita aos atos de fala que não são segmentados em unidades lingüísticas e, em decorrência disto, acaba juntando categorias de palavras que deveriam estar separadas.

Conforme Cagliari (2002), à medida que for intensificando o contato com a escrita institucionalizada, a criança perceberá que se trata de sistemas diferentes e, aos poucos, vai internalizando as segmentações previstas pela norma. Segundo o estudo de Cunha (2004), por volta da quarta série do ensino fundamental, os casos de hipossegmentação tendem a diminuir.

Assim como a criança junta as palavras de forma inadequada à norma, pode fazer também o contrário, criando espaços não previstos pelo sistema de escrita, casos considerados como exemplo de *hipersegmentação*, isto é, alocação não-convencional de espaços no registro gráfico de palavras da língua, como em *'a migo'* (amigo), resultando na produção de duas palavras em vez de uma.

Assim como no caso das hipossegmentações, não há como determinar com certeza quais critérios estariam por trás das escolhas de segmentação de cada criança, porém uma das hipóteses explicativas que pode justificar a ocorrência desse tipo de processo de hipersegmentação seria o reconhecimento do clítico da língua, posicionado à esquerda de uma palavra com acento primário, o qual seria apartado do restante da palavra, resultando em duas palavras independentes. Esses dados de hipersegmentação podem ser entendidos como pistas de que a criança já tem internalizada alguma representação da forma das categorias gramaticais fruto do ambiente letrado que a circunda ou o próprio contato com a escrita na escola.

Segundo Abaurre (1991) e Cunha (2004), essas escolhas de segmentar parecem obedecer, na maioria das vezes, aos princípios estabelecidos para a definição de constituintes prosódicos, tais como aqueles propostos por Nespor & Vogel (1986). Os resultados mostram uma forte influência da preservação dos pés toques, unidades rítmicas elementares da língua com base nas quais se percebe a estrutura do ritmo dos enunciados conforme mostram os exemplos de hipersegmentação: *'em bora'* (embora), *'que remos'* (queremos), *'e lastico'* (elástico) (Cunha, 2004: 187); *'a baso'* (abraço), *'da quela'* (daquela), *'vi zita'* (visita) (Abaurre, 1991:208).

Nesses casos, a criança segmenta a palavra preservando um troqueu silábico à direita e isola, à esquerda, uma forma que coincide com palavras gramaticais da língua, os clíticos, o que resulta na formação de duas palavras, uma gramatical e outra fonológica constituída, na maioria dos casos, por um troqueu silábico. A preservação desse tipo de pé confirma a tendência mostrada por Abaurre (1991), segundo a qual as crianças, em fase de aquisição da escrita, mostram preferência pela formação de palavras dissílabas ou trissílabas, ambas paroxítonas.

As escolhas referentes ao onde segmentar, de acordo com esses estudos que fazem referência a dados da escrita infantil, não parecem ser aleatórias, uma vez que há indícios da atuação do conhecimento que a criança possui a respeito da prosódia da sua língua. A fim de verificar o que mostram os dados de segmentação não-convencional extraídos da escrita de jovens e adultos em fase de aquisição da escrita para que se possa refletir a respeito das possíveis motivações, desenvolve-se o presente estudo.

4. Metodologia

Neste estudo foram analisados os dados extraídos de 98 textos produzidos por jovens e adultos em fase de alfabetização que cursavam a 1ª e 2ª etapas de EJA (Educação de Jovens e Adultos). Essas produções textuais integram o Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE UFPel).[1]

Os dados foram analisados e coletados a partir de seis oficinas de produção textual que visavam à obtenção de textos criativos e espontâneos. Todas as atividades de escrita foram precedidas por um aquecimento, por meio de atividades de pré-leitura e de debates que estimularam a criatividade e a espontaneidade nas produções. A escolha da metodologia empregada corresponde à ideia, já mencionada anteriormente, de que a escrita inicial é um espaço de reflexão e, quanto mais espontâneo o texto se constituir, mais enriquecedor será o universo da aquisição da escrita a ser analisado.

Para a descrição e análise dos dados extraídos dos textos, foi computado o valor total das ocorrências de segmentação não-convencionais encontradas, as quais foram depois separadas em dois grupos: hiposegmentação e hipersegmentação. Foram analisados neste estudo apenas os dados que se mostraram mais representativos para a análise das possíveis motivações dos processos de segmentação não-convencional. Os dados mais frequentes foram analisados visando a dois objetivos: refletir sobre as motivações que estariam influenciando as segmentações não previstas pela norma; e observar a existência de correspondência entre as hipóteses formuladas pelas crianças em fase de alfabetização e aquelas formuladas pelos adultos.

5. As segmentações não-convencionais na escrita de jovens e adultos

O levantamento de dados na escrita dos jovens e adultos estudados resultou em um total de 227 casos de segmentação não-convencional, sendo a maior incidência

relativa aos casos de hipossegmentação. O Gráfico apresentado a seguir mostra a distribuição dos erros de segmentação encontrados nos 98 textos analisados. Anexo 01:

Distribuição das segmentações não-convencionais em textos de alunos de EJA

Conforme se vê no gráfico, 70% dos erros são relativos às grafias com hipossegmentação e 27% àquelas com hipersegmentação[2]. No que se refere aos dados de hipossegmentação foi feito um levantamento para que se verificar o tipo de palavra envolvida no processo.

Em 61% dos casos a hipossegmentação envolve um clítico (pronomes, preposições, artigos, conjunções) com a palavra seguinte, numa posição proclítica como mostrado em (1)[3]:

- (1) a. *avisão* (a visão)
- b. *nalavora* (na lavoura)
- c. *siscondeu* (se escondeu)

Os clíticos[4] são palavras que, via de regra, dependem fonologicamente de outras e comportam-se como se fossem uma de suas sílabas, como se pode observar no funcionamento dos pronomes átonos. Nos casos de hipossegmentação encontrados, percebe-se que os clíticos são os elementos que estão envolvidos nos processos de hipossegmentação extraídos dos textos produzidos pelos alunos de EJA. Nesses casos, o clítico se comporta como se fosse uma sílaba pretônica, formando um só vocábulo com a palavra seguinte. Os clíticos que mais estiveram envolvidos em

casos de hipossegmentação foram os artigos definidos (1.a), ocasionando a junção com uma palavra de conteúdo começada por consoante. Das trinta e uma ocorrências encontradas, apenas três foram representadas em contextos em que a palavra de conteúdo começava por outra vogal: *oanimal* / o animal, *aimchada* / a enxada, *oispantalho* / o espantalho.

As preposições também foram empregadas nos processos de hipossegmentação, principalmente a contração (preposição+artigo) 'na' (1.b), observada em oito ocorrências das dezesseis encontradas. A terceira categoria de clíticos mais utilizada pelos adultos durante o processo de aquisição da escrita é a dos pronomes átonos, principalmente o pronome 'se', com oito ocorrências das dezesseis encontradas dentre os demais clíticos dessa classe.

Os dados de hipossegmentação, influenciados pela hierarquia prosódica, podem estar relacionados também à hipótese do número mínimo de caracteres, segundo a qual o aprendiz, por uma dificuldade de reconhecer, como palavra, seqüências de uma ou duas letras, acaba juntando-as à palavra seguinte (cf. Ferreiro e Teberosky, 1986). Tal hipótese pode estar também operando no processo de aquisição da escrita dos jovens e dos adultos.

Quanto aos processos de hipersegmentação, observa-se que os clíticos novamente desempenham um papel relevante nos processos de segmentação não-convencional, só que agora revelando um movimento inverso. Em vez de juntar o clítico à palavra seguinte, o escrevente segmenta parte do vocábulo que possui correspondência com as palavras gramaticais encontradas na língua escrita, conforme mostram os exemplos apresentados em (2).

- (2)
- a. *em bora* (embora)
 - b. *a tirava* (atirava)
 - c. *de veria* (deveria)

Percebe-se em (2) que os erros de hipersegmentação encontrados na escrita de alunos de EJA envolvem o mesmo tipo de elemento presente nos casos de hipossegmentação apresentados em (1), a saber, predominantemente, artigos e preposições. O Gráfico, apresentado a seguir, expressa os resultados referentes à distribuição dos erros, em se considerando o total de dados que envolvem clíticos. Anexo 02:

A distribuição dos dados de hipersegmentação mostra que, assim como na escrita infantil, os adultos também segmentam a palavra deixando à esquerda uma palavra que corresponde a um clítico da língua: 49% das ocorrências correspondem aos artigos definidos; e 37%, às preposições, em especial, à palavra gramatical 'de'.

Nos exemplos em (2a e b), restam, após o clítico, uma sequência correspondente a um troqueu[5], o que mostra a preferência pela forma de palavras dissílabas e paroxítonas, conforme já referido por Abaurre (1991). Nesses casos, o adulto, talvez por reconhecer a sílaba inicial da palavra como uma palavra gramatical da língua escrita, a isola, propiciando a formação de duas palavras, uma gramatical e outra fonológica.

6. Considerações finais

Com este breve estudo foi possível mostrar que as segmentações não-convencionais, especificamente, os casos de hipo e hipersegmentação encontradas na escrita de alunos do EJA, apresentam características similares àquelas observadas nos estudos relativos aos dados de escrita das crianças de séries iniciais. A tarefa de segmentar a cadeia da fala para representá-la graficamente mostra-se complexa a ambos os grupos e as decisões tomadas por crianças e adultos assemelha-se e denota o conhecimento dos usuários acerca da prosódia da língua.

Parece que o fato de o adulto estar há mais tempo em contato com situações de escrita não institucionalizada como em cartazes, outdoors, rótulos de produtos e etc. não o impede de repetir os mesmos processos que as crianças, em seus primeiros contatos com a escrita institucionalizada, apresentam. Neste sentido, é importante que os professores conheçam os processos pelos quais passam os aprendizes para que possa, a partir desse conhecimento, definir suas estratégias de ensino.

Os erros de segmentação produzidos por aprendizes jovens e adultos mostram que o clítico é predominantemente o elemento envolvido nas grafias não-convencionais. Isso aponta para a necessidade de um trabalho voltado para o reconhecimento dessas unidades linguísticas que são tão recorrentes na língua oral e na escrita, e que sofrem tantos processos fonológicos por pertencerem a posições fracas em se considerando unidades prosódicas mais altas como grupo clítico, a frase fonológica e o enunciado.

A contribuição pretendida com o desenvolvimento deste estudo, que ainda se encontra em fase inicial, limita-se a tentativa de chamar a atenção para a relevância dos dados oriundos das produções escritas dos aprendizes, os quais poderão subsidiar reflexões teóricas no âmbito da fonologia e também aquelas referentes à prática pedagógica de professores alfabetizadores de Educação Básica e de EJA.

Reforça-se, neste final de artigo, a pertinência de estudos que abordem a aquisição da escrita como um processo que é conduzido por sujeitos que são ativos, pensam, refletem, elaboram e reelaboram constantemente os conhecimentos que estão a construir a respeito do sistema de escrita da sua língua. A idéia de que nenhum

conhecimento começa do zero e de que as escolhas dos aprendizes não são aleatórias, mas obedecem a uma lógica impecável, é a que precisa ser cada vez mais aprofundada por pesquisadores e socializada com educadores, que precisam estar atentos para a forma como seus alunos aprendem e, de posse desse conhecimento, possam fazer as intervenções adequadas.

7. Referências Bibliográficas.

ABAURRE, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralin*, 1991.

_____, M. B. M.; CAGLIARI, L. C. (1985) Textos espontâneos na primeira série: evidência da utilização, pela criança, de sua percepção fonética para representar e segmentar a escrita. *Cadernos Cedes*, v. 14, São Paulo: Cortez.

BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: _____. *Introdução a estudos de Fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

CAGLIARE, Luiz Carlos. *Alfabetização & Linguística*. São Paulo: Scipione, 2002.

CUNHA, A.P.N. *A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia*. Pelotas, 2004. 132 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, E. PONTECORVO, C. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO, Emilia. PONTECORVO, C. MOREIRA, N. HIDALGO, I. G. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo: Ática, p.38-66, 1996.

_____, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1986.

KATO, Mary. No mundo da escrita. São Paulo: Editora Ática, [1986] 2001.

MIRANDA, A.R.M. A aquisição ortográfica das vogais do português - relações com a fonologia e a morfologia. *Revista Letras* (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM), nº 36, janeiro/junho de 2008.

_____, A.R.M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, Regina. *Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. (no prelo)

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

[1] O Banco atualmente constituído por 2020 textos produzidos por crianças que cursavam de primeira a quarta série do ensino fundamental, está sendo ampliado com textos de adultos, alunos de EJA, e crianças que frequentam a educação infantil.

[2] Os 3% restantes referem-se aos casos em que ocorrem hipo e hipersegmentação simultaneamente, como, por exemplo, em '*mea pavorei*' (me apavorei), '*des duma*' (desde uma) e '*comiu ma*' (comi uma).

[3] Os demais casos de hipossegmentação correspondem a 39% dos casos e são referentes à junção de duas palavras fonológicas, como mostram os exemplos *chicobento* (Chico Bento); *vintecinco* (vinte e cinco) e *chocolatiquinti* (chocolate quente). Esses casos, porém, não serão abordados neste estudo. Conferir os estudos de Abaurre (1991) e de Cunha (2004) sobre discussão deste tipo de segmentação não-convencional a partir de dados de crianças.

[4] De acordo com Bisol (2000), nesse grupo de palavras encontram-se algumas que podem ser formadas por pés métricos, como: *para*, *por*, *mas*, as quais portam acento, mas, na sua maioria, clíticos são elementos destituídos de acento, como se observa nos artigos (o, a), em alguns pronomes (me, se) e preposições (a, de).

[5] O troqueu silábico é um pé composto por duas sílabas, com proeminência à esquerda (* ·). A contagem das sílabas não considera sua estrutura interna. Palavras como 'casa', 'panela' e 'prato', por exemplo, correspondem, em sua estrutura, a um pé troqueu.



